

EXÍLIO: ENTRE A REALIDADE E A FICÇÃO

Gilvandria Monte ALMEIDA (UFPA)

Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discorrer sobre o tema exílio a partir do texto de Edward W. Said ([s.d]) e identificar e analisar as marcas desse exílio na personagem kindzu da obra *Terra Sonâmbula* (1996), de Mia Couto. O intuito dessa pesquisa de cunho bibliográfico é trazer à tona um tema recorrente na literatura moderna e que é uma constante nas literaturas africanas de língua portuguesa. Chegou-se à conclusão, ao final desse trabalho que o exílio retratado na obra aqui mencionada expõe, mesmo sendo ficção, a vulnerabilidade em que muitas pessoas se encontram diante de uma guerra.

Palavras-chave: Exílio. Realidade. Literatura.

Ao leremos o livro *Terra Sonâmbula* (1996), de Mia Couto, entramos em contato com várias histórias, personagens e lugares. Viajamos dentro de nós mesmos e identificamos características e situações adversas que trazem à tona uma realidade através do irreal/da ficção. As histórias estão ligadas entre si como raízes que sustentam uma única planta.

Mas quando uma planta é removida de uma terra para outra sem suas raízes ela pode sobreviver? Quais motivos levam uma pessoa a abandonar seus vínculos culturais e familiares em busca de um novo lugar que desconhece?

Respostas para essas perguntas é fácil e única, sim, até pode sobreviver, afinal os exilados sobrevivem. Os exilados são pessoas que saem, abandonam família, vínculos culturais, por vários motivos, mas geralmente são exiladas pela guerra. Alguém que sai, ou foge, de sua própria história, de sua terra natal passa pela experiência do exílio e sofre consequências que esta nova forma de viver, ou sobreviver, vem trazer. Sair de um lugar ao qual já se está habituado é uma decisão difícil para quem tem uma identidade enraizada em seu local de origem, mais difícil ainda quando não se tem escolha. E é exatamente o que acontece com pessoas exiladas. E os motivos para tal fato ocorrer são diversos, entre eles, a guerra, o preconceito, a fome e assim por diante.

Para entendermos o que vem a ser exílio tomemos como base o texto *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* ([s.d]), de Edward W. Said. De início, o autor define o exílio como sendo “uma fatura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, [s.d], p.46). Said afirma ainda que “as realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre” (SAID, [s.d], p.46). E uma vez perdido, não há como recuperar raízes que não podem mais florescer, pois se não estão em terras apropriadas não conseguem seguir seu curso natural. Além de não recuperar o

que se perdeu, Said ainda afirma que “o exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro” ([s.d], p. 54). Mas não é todo exilado que é banido de seu local de origem, pois pode-se viver em exílio sem que a pessoa tenha sido banida da sua terra. É o caso dos emigrados que:

Gozam de uma situação ambígua. Do ponto de vista técnico, trata-se de alguém que emigra para um outro país. Claro, há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar. Funcionários coloniais, missionários assessores técnicos, mercenários e conselheiros militares podem, em certo sentido, viver em exílio, mas não foram banidos. (SAID, [s.d], p. 54).

Para Said “o exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela – o que é verdade para todo exílio não é a perda da pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos” (SAID, [s.d], p.59). Ou seja, para muitas pessoas o exílio pode trazer a percepção do quanto sua pátria era importante, mas não reconheciam isso até estarem em situação de exílio. Mas, em determinados casos, como diz Said, “o exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias” (SAID, [s.d], p.58). Estar em sua pátria, dentro do âmbito familiar é para a maioria um estado de segurança e conforto. Mas, para Said, isso pode configurar:

Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também pode se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência. (SAID, [s.d], p. 58).

Em seu texto *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (s.d), Said apresenta um trecho de um monge da Saxônia que viveu no século XII, Hugo de Saint Victor, que discorre sobre o apego à terra natal e que tal fato pode ser taxado como uma fraqueza humana. O monge diz que:

[...] é fonte de grande virtude para a mente exercitada aprender, pouco a pouco, primeiro a mudar em relação às coisas invisíveis e transitórias, de tal modo que depois ela possa deixar para trás completamente. O homem que acha doce seu torrão natal ainda é um iniciante fraco; aquele para quem todo solo é sua terra natal já é forte; mas perfeito é aquele para quem o mundo inteiro é uma terra estrangeira. A alma frágil fixou seu amor em um ponto do mundo; o homem forte estendeu seu amor para todos os lugares; o homem perfeito extinguiu isso. (SAID, [s.d], p. 58) .

O apego a sua terra natal para o exilado é um dos desafios a ser superado. Mesmo à distância, não é fácil se desligar ou deixar para trás aquilo a que já se estava habituado. Diante do exílio a pessoa depara-se com uma nova situação a ser vivida e experimentada. Para Said, o exilado vive em dois ambientes, o atual e o que está no plano da memória, o da terra natal. Said afirma que:

Para o exilado, os hábitos de vida, expressão ou atividade no novo ambiente ocorrem inevitavelmente contra o pano de fundo da memória dessas coisas em outro ambiente. Assim, os ambientes são vividos, reais, ocorrem juntos como no contraponto. (SAID, [s.d], p. 58).

Na história da humanidade o exílio foi e ainda é uma das formas de “proteger a vida” de situações já mencionadas anteriormente, como guerras e preconceito. Mas essa “proteção” afeta, e muito, a pessoa humana enquanto indivíduo social, pois o exilado enfrenta o que podemos chamar de estar só, mas sempre acompanhado. O que isso quer dizer? Ao deparar-se com uma nova realidade que lhe foi imposta, a pessoa exilada experimenta algo novo que pode lhe causar estranheza. Daí vem o sentir-se só, pois não se identifica com as pessoas e nem com o lugar que não seja o seu. É a experiência da solidão. Said fala sobre esse assunto dizendo que “o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal” (SAID, [s.d], p.50).

Said também aponta para a realidade em que vivemos hoje e expõe que há uma grande dificuldade em reconstruir efetivamente a vida de pessoas que se encontram em situação de exílio. Afirma que:

Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Em geral, não tem exércitos ou Estados, embora estejam com frequência em busca deles. Portanto, os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado. O ponto crucial é que uma situação de exílio sem ideologia triunfante – criada para reagrupar uma história rompida em um novo todo – é praticamente insuportável e impossível no mundo de hoje. Basta ver o destino de judeus, palestinos e armênios (SAID, [s.d], p.50).

É de conhecimento da maioria das pessoas o que uma guerra – seja ela por ideologia, etnia, religião ou por outro motivo – causa ao lugar em que acontece e principalmente às pessoas. Fome, miséria, doenças, mutilação, violência, exílio e outras consequências marcantes que afetam a vida humana. Uma das guerras e conflitos que vem perdurando no mundo acontece entre os judeus e palestinos, e vemos isso quase em todos os noticiários. Said comenta a questão dos judeus e palestinos em relação de se reconstruir a nacionalidade a partir do exílio. Para Said:

Deve-se também reconhecer que o nacionalismo defensivo dos exilados favorece amiúde a consciência de si mesmo tanto quanto as formas menos atraentes de autoafirmação. Projetos de reconstrução, tais como montar uma nação a partir do exílio (como é o caso de judeus e palestinos no século XX), envolvem a construção de uma história nacional, o reavivamento de uma língua antiga [...]. (SAID, [s.d], p. 57).

Observando sobre as dificuldades de viver exilado podemos refletir o seguinte questionamento: Seria o exílio a única forma de sair dos perigos da guerra que ameaçam a vida?

Não é necessariamente a única forma, mas é o que mais percebemos acontecer em situações de guerra. Além do exílio a pessoa poderia escolher enfrentar a guerra e buscar mecanismos para que ela termine. Contudo, Said diz que “às vezes, o exílio é melhor do que ficar para trás ou não sair: mas somente às vezes” (SAID, [s.d], p. 51). Mas, por que somente às vezes? Podemos explicar isso partindo do fato de que a pessoa que mora em sua terra natal, conhece seus costumes, cultura,

língua, leis e outros aspectos de seu povo. E a partir do momento que decide sair para outro lugar, irá encontrar aspectos totalmente diferentes dos quais estava habituado. Entrará em contato com o diferente e com o estranho. E isso poderá comprometer a segurança que possivelmente tenta buscar, pois não se tem certeza de nada. Nesse sentido Said afirma “que nada é seguro. O exílio é uma condição ciumenta” (SAID, [s.d], p. 51). Ciumenta justamente por que é vivida, sentida de forma individualizada, nunca compartilhada.

Mesmo passando pela realidade de estar exilada, a pessoa que enfrenta essa situação não deve ficar parada diante das consequências causadas pelo exílio, deveria procurar um meio de amenizar tal situação. Ou seja, lutar, de alguma forma contra seus malefícios, já que, ele não é:

[...] um privilégio, mas uma alternativa às instituições de massa que dominam a vida moderna. No fim das contas, o exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele, ou ele nos acontece. Mas, desde que o exilado se recuse a ficar sentado à margem, afagando a ferida há coisa a aprender: ele deve cultivar uma subjetividade escrupulosa (não complacente ou intratável). (SAID, [s.d], p. 57).

Nesse contexto, a partir de agora, cabe refletir sobre o exílio sofrido pela personagem Kindzu do romance *Terra Sonâmbula* (1996), de Mia Couto.

Mesmo sendo uma obra de ficção, *Terra Sonâmbula* mostra a realidade do exílio, apontando várias características do mesmo e situações relativas a ele que afetam a vida do ser humano. Consequentemente, acabamos conhecendo nesse romance personagens tentando encontrar uma forma de sobreviver em meio à tanta desordem causada pela guerra e que, por causa dela, encontram-se na condição de exilados, exilados em seu próprio território, terra, país. Exilados de si mesmo, e esse fato podemos concluir a partir da ideia de que a pessoa não assume quem realmente é, mas mostra outra identidade, deixando o seu “eu” exilado dentro de si. Como é o caso de pessoas que escolhem, ou não, viver no mundo das ilusões para saírem de situações que lhes afetarão de alguma forma.

No que tange ao conteúdo do romance, nele há várias histórias que vão se interligando no desenrolar dos acontecimentos. E, por meio de sua obra, o autor Mia Couto, pseudônimo de Antônio Emílio L. de Couto, apresenta aos seus leitores marcas linguísticas características do povo africano. Talvez, por isso, o livro *África e Brasil* (2006) qualifica Mia Couto como “um dos mais prolíficos escritores africanos de língua portuguesa, emprega neologismos, fraseologia inovadora e situações surrealistas nos seus contos e romances” (CAMPOS; SALGADO, 2006, p. 27).

Ainda em relação ao conteúdo da obra, em *Terra Sonâmbula* (1996), Kindzu é uma personagem que de início está preso entre folhas de papel e vai ganhando vida à medida que Muindinga – personagem que busca conhecer sua origem – encontra os escritos de Kindzu e começa a lê-lo. O pano de fundo da história de Kindzu e de Muindinga é de guerra e, consequentemente, de fome, violência e mortes. Conforme Muindinga vai tirando Kindzu das folhas de papel através da leitura,

e vai dando vida a ele, o leitor descobre que Kindzu ao deparar-se com a morte de seu pai, do desaparecimento de seu irmão e outras consequências que a guerra trouxe para sua família, desespera-se e:

Nesse desespero me veio, claro, um desejo: me juntar aos naparamas. Sim, eu queria ser um desses guerreiros de justiças. Já me via, tronco despido, colares, fitas e feitiços me enfeitando. Sacudi a ideia, tocado pelo medo. Eu me dividia entre a escolha de um destino de briga e a procura de um cantinho calmo, onde residisse a paz. [...]

Qualquer que fosse minha escolha uma coisa era certa: eu tinha que sair dali, aquele mundo já me estava matando. A primeira vez que duvidei no assunto nem dormi. Meu pai me surgiu no sonho, perguntando:

- Queres sair da terra?

- Pai eu já não aguento aqui. Fecho os olhos e só vejo mortos, vejo a morte dos vivos, a morte dos mortos. (COUTO, 1996, p. 20).

Em contato com o trecho acima relembramos o que Said diz sobre o exílio: “o exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele, ou ele nos acontece” (SAID, [s.d], p. 57). Kindzu não escolhe o exílio, mas já que se encontra nele, busca mecanismos para sobreviver e ser um guerreiro é um desses mecanismos. Contudo Kindzu sente medo ao se imaginar tentando realizar seu desejo e a indecisão o acomete “entre a escolha de um destino de briga e a procura de um cantinho calmo, onde residisse a paz” (COUTO, 1996, p. 20). Mas paz já não há, por isso ele desabafa “já não aguento aqui. Fecho os olhos e só vejo mortos, vejo a morte dos vivos, a morte dos mortos” (COUTO, 1996, p. 20), pois a vida ali se resume à morte, a morrer. A vida nada mais é que a morte, pois o cenário é esse, a vida é essa – morrer. Não há outras possibilidades a curto, médio ou longo prazo.

Ao olhar a sua volta Kindzu descreve um cenário que caracteriza a morte trazida pela guerra, casas abandonadas e destroços, diz ele que:

A guerra crescia e tirava dali a maior parte dos habitantes. Mesmo na vila, sede do distrito, as casas de cimento estavam agora vazias. As paredes, cheias de buracos de balas, semelhavam a pele de um leproso. Os bando disparavam contra as casas como se elas lhes trouxessem raiva. Quem sabe alvejassem não as casas mas o tempo, esse tempo que trouxera o cimento e as residências que duravam mais que a vida dos homens. Nas ruas cresciam arbustos, pelas janelas espreitavam capins. Parecia o mato vinha agora buscar terrenos de que tinha sido exclusivo dono. Sempre me tinham dito que a vila estava de pé por licença de poderes antigos, poderes vindos do longe. Quem constrói a casa não é quem a ergueu mas quem nela mora. E agora, sem residentes, as casas de cimento apodreciam como a carcaça que se tira a um animal. (COUTO, 1996, p. 15-16).

O cenário descrito por Kindzu não é estranho e nem está longe da realidade em que vivemos. É algo que identificamos no mundo atual, marcas que uma guerra provoca a quem a experimenta. Cria-se nesse contexto de desastre e destruição uma vida de morte e um caos que desorienta toda uma história, individual ou comunitária.

Para “escapar” dessa vida de morte, a decisão é tomada por Kindzu. Ele decide sair em viagem, buscar realizar seu desejo, encontrar-se e ser um dos naparamas, guerreiros da justiça. A partir de então começa sua viagem e quando vive ainda mais a experiência de ser um exilado, alguém que sai de seu lugar de origem e tenta encontrar um novo rumo. Nas palavras de Said percebemos que “a vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora, criando um novo mundo para governar” (SAID, [s.d], p. 54). E esse governar acarreta consequências para o exilado, como, por exemplo, a transformação. E vemos isso quando kindzu vai ao encontro do adivinho nganga e avisa “te vais separar dos teus antepassados. Agora, tens de transformar num outro homem” (COUTO, 1996, p. 22). E é isso que acontece com um exilado, tudo é transformado e não há como voltar atrás, mesmo que volte ao local de origem nada será como antes, o que fica para um exilado é a saudade. Por isso Kindzu tinha:

[...] vontade de regressar, tornar a alimentar o meu falecido velho, me simplificar no nada acontecer da aldeia. Sentia saudade das tardes com Surendra. Lá, em minha aldeia, no sempre igual dos dias, o tempo nem existia. Contudo, o actual desejo de me tornar um naparama me fez continuar. Sacudi aqueles pensamentos que me convidavam a deixar a viagem. (COUTO, 1996, p. 32)

Mas regressar não era possível. Lá não tinha nada para ele, apenas a saudade de algo perdido. E no aqui, um navio ancorado e do qual fazia sua “casa”, Kindzu reflete então que:

Cada dia que passava, meu coração semelhava mais e mais aquele barco. Eu estava parado naquela mulher, como os ferros preguicentos do barco estavam cravados no banco de areia. Não podia adiar mais, se quisesse ainda ser dono de mim. Deveria partir, imediatamente. (COUTO, 1996 p. 75).

Mesmo a saudade trazendo a vontade de retornar à tranquilidade de sua aldeia, kindzu não desiste de concretizar seu desejo de ser um guerreiro naparama. Segue sua viagem em meio a tantos acontecimentos e lembranças. Durante sua viagem Kindzu conhece vários lugares e pessoas que começam a fazer parte de sua história, mas isso para ele não é uma situação de estabilidade, pois sempre tem que seguir em frente. A saída é uma constante na vida de kindzu.

Para Said (s.d), o exílio não é uma situação de estabilidade, mas de contínua mudança, e assim que uma pessoa está habituada a certo estilo de vida, no caso a vida de um exilado, ela se vê diante de um novo sair, isso porque:

O exílio jamais se configura como estado de estar satisfeito, plácido ou seguro. [...] O exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente. (SAID, [s.d], p.60).

Acostumar-se com um lugar não significa que deverá ficar nele para toda a vida, não se pode criar raízes quando sempre se está seguindo viagem. E é exatamente o que acontece com kindzu, que ao sair em viagem, tentando encontrar os naparamas, não cria vínculos que o prendam a determinado lugar. Seu consolo está nas lembranças e em seus sonhos, e isso é mais real do que a

própria realidade em que vive. Mas chega um ponto em que o exilado, nesse caso kindzu, parece perder a esperança e a se conformar com o que lhe é imposto. Percebemos isso ao final do trecho abaixo em que ele se aproxima do desfecho de sua história:

No final, porém, restar uma manhã como esta, cheia de luz nova e se escutar uma voz longínqua como se fosse uma memória de antes de sermos gente. E surgirão os doces acordes de uma canção, o terno embalo da primeira mãe. Esse canto, sim, ser nosso, a lembrança de uma raiz profunda que não juram capazes de nos arrancar. Essa voz nos dar a força de um novo princípio e, ao escutá-la, os cadáveres sossegarão nas covas e os sobreviventes abraçarão a vida com o ingênuo entusiasmo dos namorados. Tudo isso se fará se formos capazes de nos despirmos deste tempo que nos fez animais. Aceitemos morrer como gente que já não somos. Deixai que morra o animal em que esta guerra nos converteu. (COUTO, 1996, p. 159-160).

O que resta a um exilado? Depois de ter passado por tanto sofrimento desde o início quando saiu do seu lugar seguro – que se tornou inseguro – resta ao exilado a memória de quando a vida era de um todo viver. Pode-se arrancar tudo de um exilado – seu lugar seguro, seus bens materiais, sua família, seus sonhos, sua esperança, sua história – mas uma coisa é certa, como para Kindzu, “a lembrança de uma raiz profunda que não juram capazes de nos arrancar” (COUTO, 1996, p. 159). Kindzu em determinado momento entra em estado de conformismo com o que a guerra lhe transformara. O que lhe resta, é “morrer como gente que já não somos. Deixai que morra o animal em que esta guerra nos converteu” (COUTO, 1996, p. 159-160).

Afinal, como interligar a ficção do exílio encontrado/lido nas páginas desse romance, com a realidade? As histórias da realidade nem sempre terminam em finais felizes como na maioria das histórias da ficção. Mas as duas estão interligadas que até podemos dizer que uma realidade, às vezes, parece ficção e que a ficção é a própria realidade. Na guerra, por exemplo, há tanta violência, tortura, que mais parece uma história ficcional de terror. E para muitos é difícil acreditar no que a mente humana é capaz de realizar. No caso do romance de Mia Couto, que é uma ficção, a realidade da guerra está estampada na fala de Kindzu quando diz que:

A guerra crescia e tirava dali a maior parte dos habitantes. Mesmo na vila, sede do distrito, as casas de cimento estavam agora vazias. As paredes, cheias de buracos de balas, semelhavam a pele de um leproso. Os bandos disparavam contra as casas como se elas lhes trouxessem raiva. (COUTO, 1996, p. 15).

Nesse contexto podemos observar que a ficção e a realidade estão interligadas. No trecho acima entramos em contato com algo que já assistimos muito nos noticiários de TV, ou através de outros meios de comunicação, o cenário de uma guerra. O autor de *Terra Sonâmbula* inseriu em sua obra acontecimentos trazidos da realidade, e verificamos isso no decorrer do romance.

As marcas de uma guerra estão expostas no romance de Mia Couto, e é quase impossível entrar em contato com sua obra e não pensar em casos reais de exílio advindos das guerras. O mundo hoje é envolvido em vários conflitos por diversos motivos, e as experiências pelas quais a humanidade já

passou e vem passando por causa desses conflitos parecem, como na história de Kindzu, estarem presas entre folhas de papel. E é preciso adentrar nessas histórias – como a personagem Muindinga – para conhecer sua própria história.

Conhecemos através do romance *Terra Sonâmbula*, várias personagens que vivem em meio a uma desordem trazida pela guerra. Vivendo em estado de vulnerabilidade e incertezas, buscando de alguma forma sobreviver. Na realidade da vida existem muitos casos como os encontrados na obra de Mia Couto. Mas diante da imensidão desse mundo conhecemos pouco. Há tantas pessoas que passam pela guerra, que estão exiladas e em algum lugar desse mundo tentando, como as personagens em *Terra Sonâmbula*, sobreviver.

Referências

CAMPOS, Maria do Carmo S.; SALGADO, Maria Teres (Orgs.). **África e Brasil:** letras em laços. São Caetano do Sul: Yendis Edição, 2006.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula.** 1996. Disponível em <http://groups.google.com/group/digitalsource>. Acesso em: 20/01/2014.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, [s.d].